

ENTRE A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A TRADIÇÃO INVENTADA: A FESTA DE IEMANJÁ NA PRAIA DO CASSINO/RS A PARTIR DA GEOGRAFIA DAS FESTAS

Valdoir Guimarães Oliveira Junior¹

RESUMO

O artigo tem como objetivo dissertar acerca da Festa de Iemanjá na Praia do Cassino/RS enquanto uma tradição inventada pelos seus devotos. Entende-se que o processo de formalização e adaptação ao longo do tempo, que insere elementos culturais afro-brasileiros e institucionais via municipalidade, configuram novas formas de manifestar a fé em meio a festividade. Assim, a partir de uma pesquisa participante, foram realizadas entrevistas semiestruturadas buscando compreender se os devotos consideram que o caráter de fé da festividade vem se alterando ao longo do tempo. Ao destacar a festa enquanto uma tradição inventada, salienta-se que alguns elementos presentes na festividade como o processo de formalização, ritualização e repetição, que ocorre anualmente na abertura oficial da festividade fazem parte de um "roteiro". Entretanto, a celebração em homenagem à Rainha do Mar ocorria antes mesmo da oficialização da festividade pelo Poder Executivo Municipal do Rio Grande, assim, entende-se que o central na festividade é o fenômeno religioso, e não o "evento". Apesar disso, a partir das entrevistas realizadas, foram destacados aspectos positivos da institucionalização, como a garantia de um espaço público para manifestação de fé e de resistência política e cultural.

Palavras-chave: Geografia Cultural; Festividade afro-brasileira; Religiosidade; Rio Grande/RS

1. INTRODUÇÃO

Partindo de Maia (1999), entende-se que as festas populares são caracterizadas por manifestações culturais, que podem ser eventos efêmeros e/ou transitórios, remanescendo por algumas horas, dias ou semanas. Além disso, o autor também afirma que grande parte das festas, em seu momento de ocorrência, fornecem uma nova função às formas espaciais prévias que dispõem para sua realização (ponto central e entorno): ruas, praças, estádios de futebol se transformam em palcos para realização do evento, porém, não demoram muito para voltar a exercer sua função habitual. Em outras festas, reitera-se a função espacial preexistente, como as festas religiosas, centralizadas em templos, igrejas, terreiros, santuários e monumentos. Assim, o objetivo do artigo é dissertar sobre a Festa de Iemanjá que acontece na Praia do Cassino, no município do Rio Grande/RS, destacando a mesma enquanto uma tradição inventada (Hobsbawm, 1997). Corrêa (2005) destaca que a temática da festa vem sendo trabalhada como

¹ Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná

conceito em diversos campos do saber, como a Sociologia, a Antropologia e a Geografia, que por volta da década de 1990, a passou a considerar como objeto de estudo, analisando as festividades por meio de suas organizações espaciais específicas, sendo Claval (2007) e Di Méo (1991) responsáveis por resgatar a temática pelo viés geográfico. Nesse sentido, o presente texto busca dar ênfase à Geografia das Festas enquanto área autônoma da Geografia Humana, que apesar de ser uma área ainda pouco explorada, possui um grande potencial para compreender as manifestações culturais nos espaços festivos. Desse modo, busca-se destacar a perspectiva durkheimiana, a qual “o ato de festejar ou divertir-se em grupo, assim como a prática religiosa, insere o ser humano numa ação coletiva, que por sua vez, passa a dominá-lo, sinalizando que a festa, mesmo não sendo religiosa, possui uma essência de caráter religioso pautada na solidariedade social” (Corrêa, 2005, p. 144).

A problemática da presente pesquisa surge ao pensar a Festa de Iemanjá como evento, ou seja, como uma celebração que iniciou como uma prática religiosa e ao longo do tempo passou a ser uma celebração institucionalizada pelo Poder Executivo Municipal do município do Rio Grande/RS. Assim, objetivou-se compreender se os devotos entendiam que o caráter da festa vem se alterando ao longo do tempo, desde o início das práticas religiosas, até o presente momento. Além disso, vale destacar que essa pesquisa faz parte de uma dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande (PPGGeo/FURG).

O termo “tradição inventada” de Hobsbawm (1997) é utilizado em um sentido amplo, mas nunca indefinido, se referindo tanto as tradições realmente inventadas, construídas e fortemente institucionalizada quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar, em um período limitado e determinado de tempo e se estabeleceram de forma rápida. Desta forma, entende-se por tradição inventada um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Estas práticas ritualísticas ou simbólicas buscam inculcar valores específicos e normas de comportamento através da repetição das práticas, implicando em uma continuidade em relação ao passado.

2. METODOLOGIA

O presente artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica e da prática em campo. A pesquisa bibliográfica teve a intenção de levantar fontes para discutir a Geografia das Festas, enquanto no trabalho de campo foi feita uma observação participante com entrevistas semiestruturadas durante os dias 1 e 2 de fevereiro de 2024, na Festa de Iemanjá que acontece na Praia do Cassino/RS. Com a intenção de maximizar os detalhes da festividade, durante a observação participante, foram realizados registros fotográficos, visando destacar alguns elementos materiais presentes durante a celebração e também a prática religiosa dos devotos na Praia do Cassino. Além disso, foi utilizado um diário de campo, no intuito de realizar anotações sobre as percepções do pesquisador e detalhes pontuais que ocorreram durante a observação. Para realização das entrevistas semiestruturadas, definiu-se o público-alvo sendo pessoas que praticam algum tipo de religião afro-brasileira e frequentam a Festa de Iemanjá, uma vez que a partir disso, foi possível realizar uma verdadeira imersão no universo simbólico de quem vivencia este espaço religioso.

O objetivo das entrevistas foi entender se os devotos compreendiam que o caráter de fé da festividade vem se alterando ao longo do tempo, desde as primeiras práticas que antecederam a própria estátua em homenagem a Iemanjá localizada em frente à Praia do Cassino, até o presente, em que a festa é institucionalizada pela Prefeitura local. Para o registro delas, utilizou-se um gravador de voz, buscando facilitar os registros da atividade de campo, além disso, vale salientar que todas as entrevistas foram autorizadas por um Termo de Consentimento de Participação de Pesquisa. Por fim, foi realizada análise e interpretação dos dados obtidos em campo, com a intenção de destacar os resultados e as conclusões alcançadas sobre os relatos que ocorreram durante o período da festividade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Vallado (2019), as festas de Iemanjá acontecem em toda a costa litorânea brasileira, alcançando até as praias do Uruguai e da Argentina, além de também

existirem festas no interior do país, como em Brasília, no lago Paranoá. O fator comum a essas celebrações é a presença de estátuas de lemanjá erguidas nestes locais, em sua maioria adquiridas por iniciativa de federações de umbanda, adeptos do candomblé ou até mesmo pelo poder público municipal. As estátuas costumam ser de dois tipos, representando a lemanjá Sereia ou a lemanjá da Umbanda.

A festa brasileira mais antiga já documentada para lemanjá é a “festa do largo”, que acontece no Rio Vermelho, bairro de Salvador. Originalmente feita no Dique de Tororó, essa celebração ocorre desde 1896. Ela é responsável por encerrar um ciclo de festas em Salvador que se inicia em 4 de dezembro, com a festa de Santa Bárbara (lansã). Após a festa de lansã, os devotos celebram no dia 8 do mesmo mês a festa em homenagem a Nossa Senhora da Conceição da Praia, sincretizada com Oxum. Na terceira quinta-feira do mês de janeiro, ocorre a festa da Lavagem do Bonfim, que é juntamente com a festa de lemanjá, uma das mais importantes festas religiosas da Bahia. No Rio Vermelho, há uma pequena casa com diversas representações de lemanjá, e logo em frente, um pedestal no qual é possível ver sempre uma sereia enfeitada com flores, neste local, durante o ano inteiro, as pessoas fazem entregas e rezam para lemanjá (Vallado, 2019).

Apesar da festa ser analisada enquanto um fenômeno social por diversos autores, as perspectivas permanecem reféns da ótica durkheimiana, desenvolvida em *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, em 1912, na qual o autor articula relações entre o ritual e as festas (Corrêa, 2005). Assim, observa-se em Durkheim (1968) que as principais características das festividades são delimitadas por uma fronteira flutuante com a religião. Em sua obra, Durkheim analisa como os ritos produzem e reproduzem o senso de pertencimento coletivo no universo religioso. Para o autor, a religião não deve ser entendida como uma crença sobrenatural, mas como um sistema simbólico e solidário de crenças e práticas relativas ao fenômeno do sagrado. A festividade, por sua vez, expressa muitas vezes tal pertencimento, a partir de elementos afetivos e da coletividade.

Essas características, por assim dizer, podem ser divididas em três relações de diferentes sentidos apontados pelo autor, em que busca-se destacá-los a partir da festividade em homenagem à lemanjá, sendo eles: a superação das distâncias sociais, a efervescência coletiva e a ruptura das normas coletivas. O primeiro sentido se refere à

superação das distâncias sociais entre os indivíduos. Nessa acepção, a partir da pesquisa de campo realizada na Festa de Iemanjá do Cassino - Rio Grande no ano de 2024, o entrevistado Hermínio, residente do município de Bagé - RS, localizado à aproximadamente 244 km de distância da Praia do Cassino, destacou a importância da união dos irmãos e irmãs das comunidades afro-brasileiras para festejar a segunda maior Festa de Iemanjá do país, que reúne devotos de municípios, estados e até mesmo países vizinhos para celebrar a Rainha do Mar, durante os dias 1 e 2 de fevereiro, é comum ver centenas de pessoas acampadas nas proximidades da estátua no período da festividade (Figura 1). O entrevistado também destacou que faz cerca de quarenta (40) anos que ele frequenta a Festa de Iemanjá ininterruptamente, reforçando a importância de sua devoção e demonstrando muito orgulho de sua prática religiosa.

Figura 1: Acampamento nas proximidades da estátua de Iemanjá na Praia do Cassino/RS



Fonte: autores (2024)

O segundo sentido trata da efetivação de um estado de “efervescência coletiva”, caracterizado pelo autor como um momento que “[...] muda as condições da atividade psíquica. As energias vitais são superexcitadas, as paixões mais vivas, as sensações mais fortes” (Durkheim, 1968, p. 603). Esse momento de efervescência coletiva é visível nos momentos em que ocorrem os rituais e cantos, tanto ao redor da estátua quanto na beira do mar (Figura 2).

Figura 2: Ritual em frente à estátua de Iemanjá da Praia do Cassino/RS



Fonte: autores (2024)

Por fim, o terceiro sentido se refere a uma “ruptura” ou transgressão das normas coletivas que orientam e sustentam os indivíduos, identificando-os como seres sociais. Assim, entende-se que a festividade é uma “fuga” da condição do ser social. Nesse sentido, Claval (2007, p. 131), afirma que “Estas manifestações e seus excessos têm virtudes de terapia coletiva e permitem purgar a sociedade das tensões”, como mencionado na festa por um entrevistado, no qual sinalizou que a Festa de Iemanjá é um momento de celebrar com a família e fugir do cotidiano, celebrar os deuses e agradecer as graças alcançadas. Di Méo (1991), ao relacionar a dimensão geográfica das festividades e a sua função social, destaca o processo de territorialização desse fenômeno social, sob a perspectiva dos signos espaciais articulados. Sendo assim, os signos são apresentados como marcas que delimitam o espaço como um espaço festivo, sendo atribuído os seus sentidos, cargas ideológicas, valores culturais etc.

Contudo, além dos elementos vistos em Durkheim (1968) que caracterizam as festividades enquanto fenômeno social, e no caso da Festa de Iemanjá da Praia do Cassino, também como experiência religiosa, ao interpretar Hobsbawm (1997) entende-se que alguns dos elementos presentes na Festa de Iemanjá da Praia do Cassino caracterizam como uma “tradição inventada”. Hobsbawm (1997) entende que muitas

tradições que parecem antigas, na verdade, são recentes e produzidas com objetivos políticos, sociais e até identitários. Festas religiosas afro-brasileiras institucionalizadas como a Lavagem do Bonfim ou a Festa de São Jorge no Rio de Janeiro são exemplos semelhantes. No entanto, como mencionado por Regina Abreu (2012), a patrimonialização nem sempre preserva o conteúdo simbólico original, visto que existem disputas entre o valor religioso, cultural, político e turístico da festividade. Desta maneira, entende-se que a tradição torna-se, na verdade, uma construção.

Para Hobsbawm (1997), a invenção da tradição é um processo de formalização, ritualização e repetição, envolvendo um conjunto de práticas apreendidas em campo e que também foram citadas entre alguns entrevistados, e que podem ser vistos na Festa de Iemanjá da Praia do Cassino como: pavilhões/tendas, mastros para bandeiras, templos para oferendas, procissões, toque de sinetas, envio de delegações do Governo aos festivais, cerimônia de abertura (Figura 3) brindes e discursos. No dia 2 de fevereiro, a aglomeração de pessoas é grande no local, junto aos barcos que ficam à beira-mar esperando para levar as oferendas (Figura 4).

Figura 3: Palco de abertura da 49ª Festa de Iemanjá da Praia do Cassino



Fonte: autores (2024)

Figura 4: Entregas no mar



Fonte: autores (2024)

Na festa, não comparecem apenas os filhos de santos/frequentadores de terreiros e demais devotos de religiões afro-brasileiras, mas também turistas, curiosos e que se juntam na beira da praia para presenciar a festividade, lemanjá se tornou uma Orixá muito popular devido ao seu sincretismo religioso com a Nossa Senhora dos Navegantes. Ao final da tarde, os barcos seguem em direção ao alto mar levando as mais variadas oferendas, entre elas: frutas, doces, espelhos e outros objetos associados à feminilidade da Orixá.

As festas de ano novo à beira-mar também costumam celebrar lemanjá, sendo tal costume popularizado no Brasil a partir da década de 1950, começando pelos umbandistas no Rio de Janeiro e se popularizando rapidamente entre as cidades litorâneas do país. Contagiadas pela celebração, multidões ocupam a vasta orla brasileira vestindo-se de branco e jogando flores para a Rainha do Mar, pulando sete ondas na intenção de ter um bom ano. Toda essa celebração confunde-se com o próprio réveillon, dada a enorme proporção que tomou a celebração em homenagem a lemanjá (Vallado, 2019).

Nesse sentido, alinhado com Studinski (2021), buscou-se analisar a Festa de Iemanjá enquanto uma tradição inventada que ao longo do tempo se configurou enquanto patrimônio cultural. Essa ótica se justifica pelo fato de que as celebrações em homenagem à Rainha do Mar já ocorriam na Praia do Cassino antes mesmo da construção/instalação do monumento em 1976, (Figura 5) que recebe os devotos em frente à praia e também são anteriores a própria institucionalização da festa em 1975 enquanto um “evento”.

Figura 5: Monumento em homenagem à Iemanjá



Fonte: autores (2024)

Baseado nisso, Studinski (2021) afirma que existem outras "festas de Iemanjá" dentro da Festa de Iemanjá, isto é, diversas possibilidades de expressar fé e devoção a Iemanjá, com múltiplos saberes, cores, cheiros, sons etc. Hobsbawm ao forjar o termo “tradição inventada”, compreende como uma forma “camaleônica” de certas tradições se manifestarem ou serem instituídas, definindo a tradição inventada como,

[...] conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (Hobsbawm, 1997, p. 9).

O autor ainda alerta que muitas tradições inventadas parecem ou são consideradas antigas, embora sejam muito recentes, distinguindo ainda as tradições institucionalizadas das outras cujas origens são incertas,

Inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (Hobsbawm, 1997, p. 9).

Entretanto, a partir de Soares, Maia e Tuma (2018) é possível problematizar se existe tradição que não seja inventada, por mais antiga que seja, toda tradição foi “inventada” em algum espaço tempo, buscando perpetuar algum passado “apropriado”.

Giddens enfatiza que:

A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes estruturados por práticas sociais (Giddens, 1991, p. 44).

Assim, a definição de Giddens (1991) é essencial para relacionar a questão da tradição com o espaço e tempo das festividades e das tradições. O autor ainda menciona que apesar das discussões sobre o fim das tradições na pós-modernidade, as tradições não são imutáveis, visto que:

A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa (Giddens 1991, p. 44).

Giddens (1991) resgata o debate da tradição no contexto da modernidade, afirmando que ao invés de desaparecer, na verdade, a tradição se reinventa constantemente, especialmente em contextos de novas estruturas de poder e de comunicação. Nesse sentido, a inserção no calendário oficial do município e até mesmo a cobertura midiática pelos órgãos públicos e turistas, fazem com que essa manifestação festiva e religiosa passe por novas configurações em diversos contextos. Pela perspectiva de Nora (1984), pode-se entender a Praia do Cassino como um "lugar de memória" em que o passado é ritualizado e preservado. Tanto a estátua de Iemanjá como a própria beira da praia, enquanto pontos de concentração e de realização de

rituais, funcionam como marcos que preservam a memória e a cultura do grupo que festeja.

Desta forma, o entrevistado Vladison destacou aspectos positivos da institucionalização, apontando que a partir do apoio de órgãos públicos, é possível garantir estrutura, segurança, emprego e oportunidade de trabalhadores comercializarem oferendas e *souvenirs*. A institucionalização da Festa de Iemanjá da Praia do Cassino pela prefeitura de Rio Grande insere a celebração em uma lógica de patrimonialização, implicando em transformações importantes, como as questões mencionadas pelo entrevistado. Além disso, o Vladison destacou que a organização do evento também garante espaços de grande importância política e cultural como palestras e oficinas para falar sobre as religiões afro-brasileiras, reforçando que o caráter de fé da festividade vem se alterando, mas de uma forma positiva:

Eu acho que a Festa de Iemanjá, além da questão da devoção, da fé, ela também tá ajudando pai de família que consegue trabalhar na festividade, que consegue comercializar alguma coisa, então Iemanjá acaba de alguma forma ajudando a tudo e a todos. Então, ainda que algumas coisas escapam do padrão religioso da festividade, a gente busca melhorar o espaço, a gente pode dar palestra, ter oficinas para falar da religião, hoje a gente consegue contar com isso. O caráter de fé vem mudando, mas de uma forma positiva. Aqui é o ponto central do Cassino, eu acho que tá positivo o espaço disponibilizado, aqui é o acesso a praia, a estátua também, acho que o espaço tá bacana. Eu acho que a gente tem que falar sempre sobre a questão da resistência, quando a gente vê todos fiéis reunidos, nós precisamos destacar a importância da presença africana, do africanismo, isso é muito importante para que não ocorra um apagamento da nossa cultura, o comércio aqui se mistura com a fé, a própria negritude pós-abolição, de alguma forma, teve que se adaptar ao comércio, as negras vendendo acarajé, os homens também realizando atividades comerciais, então isso faz parte da nossa história, então não pode ocorrer esse apagamento.

Entretanto, nos escritos de Pereira (2014), o autor destacou que os devotos mais antigos mencionaram que a festividade vem perdendo o caráter da fé, porém, pode-se pensar no sentido de que ela também ganha novas formas de se manifestar. Assim, com base em Studinski (2021) entende-se que a Festa de Iemanjá, enquanto evento oficial institucionalizado pelo Poder Executivo Municipal do Rio Grande, é uma tradição inventada. Apesar da organização do evento, o ritual de abertura e a delimitação de um espaço para o desenvolvimento dos trabalhos afro-religiosos não devem ser compreendidos como a festividade em si, mas como componentes que integram o ato de festejar anualmente Iemanjá. O palco, a procissão, o acampamento e o monumento trazem a falsa ideia de que a festa é uma manifestação homogênea e rígida, como

destacado em Pereira (2014, p. 100), em que os “atores sociais são dirigidos como um roteiro de filme”.

Ao ser questionado sobre o caráter de fé da festividade, o entrevistado Chendler destacou que existem dois públicos diferentes que participam da Festa de Iemanjá na Praia do Cassino: os que praticam trabalhos espirituais e os que observam. O entrevistado explicou que a festividade vem perdendo o caráter de festa tradicional/religiosa para *"uma festa que está no calendário, um evento"*, salientando que esse movimento faz parte das mudanças que ocorrem na sociedade, e que hoje a festividade conta com essas duas dimensões. Além disso, o entrevistado deu ênfase aos benefícios que o município do Rio Grande tem com a festividade, destacando a mesma como a maior festa do estado do Rio Grande do Sul. Deste modo, ao perceber a festividade enquanto patrimônio cultural, reconhecido em nível municipal e estadual também é possível questionar se a patrimonialização da festividade está preservando a perspectiva religiosa e cultural ou como um evento? Nessa reflexão Pereira entende que:

A princípio, parece ambíguo, mas não é, pois a festa a cada ano toma forma diferente, e os religiosos e frequentadores mais antigos mencionaram, em entrevista, que ela vem perdendo o caráter da fé; entretanto, é possível pensar que ela ganha novas formas de manifestar. O que deixa um "hiato", pois como patrimônio ela deve ser observada, filmada e catalogada cientificamente, pontuando de forma seletiva o que deve ser preservado. Então o questionamento: O que preservar? Do ponto de vista dos religiosos, ou dos que cultuam a festa deve ser preservada em relação a sua forma principal de devoção, o que a torna mais complexa, pois entra a questão do imaginário e da subjetividade humana. Com o propósito de passarem para as gerações futuras uma forma homogênea de manifestação do tributo a um clamar coletivo a Iemanjá: "Salve a Senhora do Mar"! (Pereira 2015, p. 99).

Portanto, a Festa de Iemanjá, em seu contexto de evento oficial institucionalizado pelo Poder Executivo Municipal do Rio Grande, é uma tradição inventada que limita a percepção sobre algumas representações presentes na festividade. Apesar do importante trabalho da organização do evento, a Festa de Iemanjá da Praia do Cassino vai muito além da abertura oficial e da delimitação de um espaço específico para realização da celebração e de trabalhos espirituais, como menciona Studinski (2021, p. 123), esses elementos "não devem ser compreendidos como a festa em si, mas como componentes que integram o ato de festejar anualmente Iemanjá". O palco, a procissão, a abertura e o monumento trazem a falsa impressão de que a festa é uma manifestação homogênea e organizada a partir de um roteiro (Studinski, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões expostas, pode-se afirmar que a temática das festividades ainda é pouco discutida na Geografia, mas que possui um grande potencial ao evidenciar as características espaciais e as espacialidades produzidas nos espaços festivos. Logo, a partir do trabalho de campo realizado, foi possível compreender a Festa de Iemanjá da Praia do Cassino/RS tanto como experiência religiosa quanto como tradição inventada, apresentando a experiência religiosa dos devotos que frequentam a festa e suas percepções sobre o espaço em que ocorre a Festa de Iemanjá. Deste modo, percebeu-se que a festividade enquanto “tradição inventada”, são apenas “novas formas de demonstrar a fé”, qualificando o espaço festivo e mantendo seu caráter religioso, visto que independente da institucionalização do espaço, os devotos estarão todos os anos nos dias 1 e 2 de fevereiro a beira do mar para presentear e celebrar a Rainha do Mar.

Os relatos revelam ainda que, para muitos devotos, o comércio informal de comidas, bebidas e artesanato é visto como parte da tradição, e não como uma ruptura. Para o entrevistado, a fé e a comercialização de artefatos, comida ou oferendas faz parte da cultura que festeja e não deve ser separada da tradição festiva.

Além disso, a partir das características apontadas por Durkheim (1968), foi possível compreender as relações e influências das religiões no espaço festivo, como a superação de distâncias, a efervescência coletiva e a ruptura com as normas coletivas e o cotidiano. Além de que, com base nos relatos, percebeu-se uma dualidade presente nos discursos dos devotos. Muitos reconhecem a importância da institucionalização e o papel do Poder Executivo Municipal como uma forma de garantir estrutura e visibilidade para a festa. Entretanto, há também críticas à forma de organização e estruturação da festividade.

Assim, a Festa de Iemanjá da Praia do Cassino representa um mar de diversidade cultural e religiosa, sendo um espaço de devoção, turismo e ao mesmo tempo um espaço de disputas identitárias. Tal característica não descaracteriza a festividade, apenas insere a mesma em novos circuitos de significação pelos devotos e populares. Nota-se que a tradição religiosa é o que mantém a festividade, apesar disso, a presença do Poder Executivo Municipal, da mídia e das instituições interferem diretamente na

forma com que a festividade é vivenciada. Contudo, a devoção, a presença dos terreiros e a força do fenômeno religioso mantém a essência do sagrado na festividade, independente das intervenções da modernidade.

Por fim, espera-se que o presente artigo contribua como incentivo a dar continuidade às pesquisas sobre festividades na Geografia, compreendendo a importância de destacar a Geografia das Festas enquanto área autônoma da Geografia Humana e reconhecendo seu potencial enquanto possibilidade de abordagem geográfica. Além disso, espera-se que possam surgir novas inquietações tanto referente à temática da Geografia das Festas quanto à Festa de Iemanjá, objetivando incentivar o debate acerca das religiões afro-brasileiras sob o olhar geográfico.

5. REFERÊNCIAS

- ABREU, R. *Patrimônio imaterial e identidade cultural*. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2012. p. 117-138.
- CORRÊA, A. "Não acredito em deuses que não saibam dançar": a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: CORRÊA, R.L., ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 141-172, 2005.
- CLAVAL, P. **Geografia Cultural**. 3. Ed. Florianópolis: UFSC, 2007.
- DI MÉO, G. *L'homme, la société, l'espace*. Paris: Anthropos, 1991.
- DURKHEIM, E. *Les Formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1968.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- HOBBSAWM, E. A invenção das tradições. In: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (org.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MAIA, C. E. S. Ensaio Interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 191 -218.
- NORA, P. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. 3 v.
- PEREIRA, R. Tributo a Iemanjá: festa religiosa na praia do Cassino - Rio Grande - RS - Brasil, **Revista Geografar**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 84-103, 2014.
- SOARES, M. E. A. M.; TUMA, R. L. ; MAIA, C. E. S. . Das ruas para os espaços fechados: reflexões sobre festas. In: ALMEIDA, M. G. (Org.) **Territórios de Tradições e de Festas**. 1ed. Paraná: UFPR, 2018, v. 1, p. 10-35.
- STUDINSKI, M.M. **Um mar enfeitado de flores**: a Festa de Iemanjá da cidade do Rio Grande/RS sob a ótica da imprensa local (1975-2005). 2021. 145f. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande/RS, 2021.

VALLADO, A. **Iemanjá**: mãe dos peixes, dos deuses, dos seres humanos. Rio de Janeiro. Pallas Editora, 2019.

BETWEEN RELIGIOUS EXPERIENCE AND INVENTED TRADITION: THE IEMANJÁ FESTIVAL AT CASSINO BEACH/RS FROM THE PERSPECTIVE OF THE GEOGRAPHY OF FESTIVALS

Abstract

The paper aims to discuss the Iemanjá Festival at Cassino Beach/RS as an invented tradition. It is understood that the process of formalization and adaptation over time, which incorporates cultural and institutional elements, shapes new ways of manifesting faith within the festivities. Thus, based on participatory research, semi-structured interviews were conducted to understand whether devotees believe the faith-based nature of the festival has changed over time. By highlighting the festival as an invented tradition, it is noted that certain elements, such as the processes of formalization, ritualization, and repetition—which occur annually during the official opening of the festival—are part of a "script." However, the celebration in honor of the Queen of the Sea took place even before the festival was officially recognized by the Municipal Executive Power of Rio Grande. Therefore, it is understood that the religious phenomenon, rather than the "event," is central to the festival. Despite this, the interviews highlighted positive aspects of institutionalization, such as guaranteeing a public space for the manifestation of faith and for political and cultural resistance.

Keywords: Cultural Geography; Afro-Brazilian Festivity; Religiosity; Rio Grande

ENTRE LA EXPERIENCIA RELIGIOSA Y LA TRADICIÓN INVENTADA: LA FIESTA DE IEMANJÁ EN LA PLAYA DEL CASSINO/RS DESDE LA GEOGRAFÍA DE LAS FIESTAS

Resumen

El artículo tiene como objetivo disertar sobre la Fiesta de Iemanjá de la Playa del Cassino/RS como una tradición inventada. Se entiende que el proceso de formalización y adaptación a lo largo del tiempo, que incorpora elementos culturales e institucionales, configura nuevas formas de manifestar la fe dentro de la festividad. Así, a partir de una investigación participante, se realizaron entrevistas semiestructuradas con el objetivo de comprender si los devotos consideran que el carácter de fe de la festividad ha cambiado con el tiempo. Al destacar la fiesta como una tradición inventada, se señala que algunos elementos presentes en la festividad, como el proceso de formalización, ritualización y repetición, que ocurren anualmente en la apertura oficial de la festividad, forman parte de un "guion". Sin embargo, la celebración en homenaje a la Reina del Mar se realizaba incluso antes de la oficialización de la festividad por parte del Poder Ejecutivo Municipal de Rio Grande. Por lo tanto, se entiende que lo central en la festividad es el fenómeno religioso y no el "evento". A pesar de ello, a partir de las entrevistas realizadas, se destacaron aspectos positivos de la institucionalización, como la garantía de un espacio público para la manifestación de la fe y la resistencia política y cultural.

Palabras-clave: Geografía Cultural; Festividad afrobrasileña; Religiosidad; Rio Grande

Enviado em: 31/07/2025

Aceito em: 23/09/2025